

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**CAROLINE DA SILVA PACHECO XAVIER**

**MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESUMANIZAÇÃO NA OBRA “É ISTO UM  
HOMEM?”, DE PRIMO LEVI: MEMÓRIAS TRAUMÁTICAS DO HOLOCAUSTO**

**Jaguarão**

**2015**

**CAROLINE DA SILVA PACHECO XAVIER**

**MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESUMANIZAÇÃO NA OBRA “É ISTO UM  
HOMEM?”, DE PRIMO LEVI: MEMÓRIAS TRAUMÁTICAS DO HOLOCAUSTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Edison Bisso Cruxen

**Jaguarão**

**2015**

**CAROLINE DA SILVA PACHECO XAVIER**

**MEMÓRIA, IDENTIDADE E DESUMANIZAÇÃO NA OBRA “É ISTO UM  
HOMEM?”, DE PRIMO LEVI: MEMÓRIAS TRAUMÁTICAS DO HOLOCAUSTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09/12/15

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Edison Bisso Cruxen  
Orientador  
UNIPAMPA

---

Prof. Ms. Alessandra Buriol Farinha  
UNIPAMPA

---

Prof. Dr. Rafael da Costa Campos  
UNIPAMPA

Dedico este trabalho à minha família que sempre me apoiou e a meu namorado que faz tudo valer à pena.

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente agradeço à minha família pelo apoio durante a graduação e por estarem sempre presente em minha vida.

Agradeço ao meu namorado Tiarles, por ser amigo, companheiro, paciente e por estar sempre ao meu lado em todos os momentos.

A minhas colegas e amigas Katarine, Fladiane, Izadora, Marselle e Darlize pela amizade, pelo carinho, pelo amor, por todos os momentos vividos ao longo destes quatro anos e por fazerem esta caminhada ser mais prazerosa e feliz. Especialmente Darlize por ser minha dupla e companheira durante toda graduação.

Aos meus colegas da turma de História 2012, pelo companheirismo e amizade durante os quatro anos de curso.

Ao professor e orientador Edison Bisso Cruxen por ter acreditado em mim e neste trabalho desde o início e por indicar os caminhos para esta pesquisa que me deu tanta felicidade, amor e gratidão.

Obrigada.

“Pensem bem se isto é um homem que trabalha no meio do barro, que não conhece paz, que luta por um pedaço de pão, que morre por um sim ou por um não.”

Primo Levi (1988)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra de testemunho “*É isto um homem?*”, de Primo Levi, um judeu italiano que foi levado para o campo de concentração Buna-Monowitz no ano de 1944, onde permaneceu durante onze meses. A análise da obra mostra as tentativas de desumanização e de supressão das identidades de Levi, impostas pelos nazistas dentro do campo, e que vieram a provocar uma crise de identidade no autor. Por fim, será abordada a Memória Traumática gerada em Levi dentro e fora do campo de concentração. Para realizar esta análise foram feitas pesquisas bibliográficas para definição dos conceitos de desumanização, identidade e memória.

Palavras-Chave: Primo Levi. Memória. Identidade. Desumanização.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar la obra de testimonio *É Isto um homem?*, del autor Primo Levi, un judío italiano que fue llevado para el campo de concentración Buna-Monowitz en 1944, donde permaneció durante once meses. El análisis de la obra muestra las tentativas de deshumanización y de supresión de las identidades de Levi, impuestas por los nazistas dentro del campo, y que provocaron una crisis de identidad en el autor. Por fin, será abordada la Memoria Traumática generada en Levi dentro y fuera del campo de concentración. Para realizar el análisis fueron hechas pesquisas bibliográficas acerca de los conceptos de deshumanización, identidad y memoria.

Palabras-Clave: Primo Levi. Memoria. Identidad. Deshumanización.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 NAZISMO: DA ASCENSÃO A “SOLUÇÃO FINAL”</b> .....	12
<b>2 “<i>CONDIÇÃO HUMANA MAIS MISERÁVEL NÃO EXISTE. NÃO DÁ PARA IMAGINAR</i>”: A TENTATIVA DE DESUMANIZAÇÃO E SUPRESSÃO DAS IDENTIDADES EM “É ISTO UM HOMEM?”</b> .....	22
<b>3 “<i>CONVÉM QUE DE TAL SITUAÇÃO HUMANA RESTE ALGUMA MEMÓRIA</i>”: TRAUMA, MEMÓRIA, ESQUECIMENTO EM “É ISTO UM HOMEM?”</b> .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44

## INTRODUÇÃO

“Pensem bem se isto é um homem, que trabalha no meio do barro, que não conhece paz, que luta por um pedaço de pão, que morre por um sim ou por um não”. O trecho foi retirado da obra de testemunho *É isto um homem?* de Primo Levi. Esta obra retrata os momentos vividos por Primo Levi durante o período que permaneceu no Campo de concentração nazista. Neste trabalho, busca-se analisar na obra de testemunho, a tentativa de uma desumanização imposta a Levi pelos nazistas que tinha como objetivo suprimir suas identidades, gerando uma crise de identidade, que acarreta uma memória traumática.

Em *É isto um homem?* Primo Levi relata sua experiência dentro do Campo de concentração nazista, no entanto o livro não é apenas mais uma obra escrita sobre as atrocidades da Segunda Guerra Mundial, muito menos um relato cheio de ódio, o autor relata que o livro já nasceu dentro do Campo e tem como objetivo uma libertação interior. Levi retornou à Itália no ano de 1945, recomeçou seu trabalho como químico, mas a necessidade de libertar-se fez com que escrevesse suas memórias de Auschwitz. Levi faleceu no ano de 1987, tendo escrito nove livros de testemunho.

Para o desenvolvimento deste trabalho serão utilizadas bibliografias que ajudam na análise dos conceitos de desumanização, identidade e memória. Autores como Zygmund Bauman, Hannah Arendt e Joel Candau, entre outros. Durante o processo de sistematização das bibliografias, a organização do trabalho deu-se da maneira apresentada a seguir.

No primeiro capítulo, serão realizadas algumas discussões acerca do nazismo, o surgimento do nacional-socialismo, a ascensão de Hitler no poder da Alemanha e a forma como governava o país, trabalhando com o conceito de totalitarismo, discutido por Hannah Arendt. Ainda apresentaremos um breve histórico da perseguição vivida pelos judeus durante o período nazista, utilizando obras como *Mein Kampf*, escrita por Adolf Hitler.

No segundo capítulo trabalharemos com os conceitos de desumanização e identidade, a partir da obra *Isto é um homem?*. Será analisada a tentativa de desumanização imposta à Primo Levi pelos nazistas e a tentativa de suprimir suas identidades que acaba gerando uma crise de identidade. Para isto, utilizaremos Patrique Rego para a questão da desumanização e Zygmund Bauman, Stuart Hall e Joel Candau para as questões de identidade.

Por fim, no terceiro capítulo será apresentado o conceito de Memória, trabalhando com a questão da Memória Traumática gerada pelo tratamento dado a Levi dentro e fora do Campo de concentração. Assim, apresentaremos o conceito de Memória a partir de alguns autores como Michel Pollak, Maurice Halbwachs, Márcio Seligmann-Silva, Joel Candau, entre outros.

## 1 NAZISMO: DA ASCENSÃO A “SOLUÇÃO FINAL”

Após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), instituiu-se a República de Weimar, durante o período de 1918 a 1933. Este período possui este nome, pois foi na cidade de Weimar, na época situada na Alemanha Central, que a Assembléia Nacional Constituinte da República reuniu-se para realizar uma nova constituição. A constituição republicana estabelecia um regime parlamentar liberal democrático, no qual o chanceler era diretamente responsável diante do parlamento e não diretamente ao Presidente.

Neste período, o partido Social Democrata-Alemão (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*, SPD), um partido de esquerda, formado por membros da classe média, toma o poder da República e elege o primeiro presidente da Alemanha, Friedrich Ebert. Este partido propunha novas reformas para a Alemanha, como a jornada de trabalho diário de oito horas, um capitalismo menos injusto e a reforma agrária moderada. Apesar das reformas implantadas pelo partido, a Alemanha vivia uma péssima situação social e econômica, na qual acarretou no aumento da inflação e numa desconfiança da população. (JUNIOR, 2009)

Em oposição ao Partido Social Democrata-Alemão, foi fundado no ano de 1920 o Partido Nacional-Socialista Alemão (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP) que segundo Junior (2009), posteriormente foi liderado por Adolf Hitler. O NSDAP tinha como proposta “Salvar a Alemanha” e prometiam empregos e direitos sociais para todos os alemães. Possuíam aversão a certos grupos, como judeus e comunistas. Este partido formou seu corpo paramilitar de voluntários, chamado de SA (*Sturmabteilungen*), que atuavam na formação e educação da juventude nazista. No ano de 1923, Hitler, como líder do partido nazista, tenta dar um golpe na República de Weimar, mas acaba fracassando e é condenado a cinco anos de prisão. De acordo com Junior (2009) durante o tempo que permaneceu preso, Hitler escreveu o livro *Minha Luta* (*Mein Kampf*), com a ajuda de seu assistente Rudolf Hess, neste livro Hitler sistematiza sua doutrina nazista.

Adolf Hitler nasceu em Braunau, Áustria, no ano de 1889. Aos vinte cinco anos mudou-se para Munique e alistou-se no Regime de Infantaria na Primeira Guerra Mundial. No ano de 1919 filiou-se ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, mas que logo muda seu nome para Partido Nacional-Socialista Alemão. Hitler organizava o partido inspirado no fascismo e no bolchevismo. O regime nazista ficou conhecido como Terceiro Reich (Terceiro Reino) e Hitler era denominado Führer (Líder), a suástica era utilizada como

símbolo que representava o partido. Este símbolo representa sorte, prosperidade e sucesso e ficou mundialmente conhecido por ser utilizado pelo partido nazista. (JUNIOR, 2009)

O nazismo seria então, uma política de ditadura, que tinha como objetivo construir uma grande nação consolidada na raça pura, a raça ariana, este conceito de raça surgiu no século XIX, e seria supostamente a linhagem mais pura dos seres humanos, constituída apenas por indivíduos altos, fortes, claros e inteligentes, representando assim uma raça superior às demais, segundo o biólogo Danilo Vicensotto. Neste mesmo período o diplomata e escritor francês conde de Gobineau propôs o conceito de "raça ariana", defendendo a superioridade dos brancos sobre negros, amarelos e semitas, classificando como "arianos" os povos nórdicos e germânicos, para ele, estes povos representavam o ápice da civilização, sendo responsáveis por todo o progresso da humanidade ao longo da história.<sup>1</sup>

Com os impactos da crise de 29<sup>2</sup> sobre a Alemanha, o desemprego aumentou ainda mais, gerando miséria, isto fez com que a República de Weimar perdesse sua credibilidade. Diante desta situação, os partidos mais votados nas eleições foram o KPD (comunista) e NSDAP (nazista). Assim, com uma expressiva votação em seu partido, Hitler pressiona Hindenburg<sup>3</sup> para aceitá-lo como Chanceler da Alemanha no ano de 1933 (JUNIOR, 2009). Com a morte do Presidente, Hitler então Chanceler, não autoriza uma nova eleição e passa a exercer as funções não só de Chanceler, mas de legislador e Presidente.

Com o Führer no poder, a Alemanha obteve diversas mudanças, inicia-se a perseguição aos comunistas e aos judeus. Hitler centraliza o poder em Berlim e instaura um regime de partido único (NSDAP), sindicatos são fechados, greves tornam-se proibidas e o Estado promove diversas obras públicas, oferecendo emprego aos desempregados. Fazendo com que a Alemanha recupere-se da crise de 29.

O governo empregado por Hitler pode ser denominado como totalitarismo, que segundo Hannah Arendt, se caracteriza por ser um governo que busca através da propaganda controlar a população:

e quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias. (ARENDR, 1979, p. 390)

---

<sup>1</sup> Essa definição de Raça Ariana foi retirada do artigo Racismo, do escritor Antonio Carlos Olivieri.

<sup>2</sup> A Crise de 1929 foi uma grande recessão econômica que teve início em 1929, e que persistiu ao longo da década de 1930, terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial.

<sup>3</sup> Presidente da Alemanha Central.

Os discursos que Hitler realizava para seus generais, são exemplos de propaganda totalitária, na qual durante esses discursos Hitler conquistava seus convidados. Além dos discursos, Hitler empenhou-se em produzir filmes contra seus inimigos, como comunistas, marxistas e judeus e exibia-os para a população. Esses filmes mostravam o verdadeiro objetivo do movimento nazista, o de exterminar esses grupos.

A propaganda torna-se parte da “guerra psicológica” e de acordo com Hannah Arendt (1979):

A luta pelo domínio total de toda a população da terra, a eliminação de toda realidade rival não totalitária, eis a tônica dos regimes totalitários; se não lutarem pelo domínio global como objetivo último, correm o sério risco de perder todo o poder que porventura tenham conquistado. Nem mesmo um homem sozinho pode ser dominado de forma absoluta e segura a não ser em condições de totalitarismo global. (...) O totalitarismo no poder usa a administração do Estado para o seu objetivo a longo prazo de conquista mundial e para dirigir as subsidiárias do movimento; instala a polícia secreta na posição de executante e guardião da experiência doméstica de transformar constantemente a ficção em realidade; e, finalmente, erige campos de concentração como laboratórios especiais para o teste do domínio total. (ARENDR,1979, p. 441)

A propaganda acaba sendo talvez um dos instrumentos mais importantes do totalitarismo, pois, a população acaba não tendo contato com outro tipo de propaganda a não ser a exibida pelo governo totalitário, e acaba sendo conquistada pelo conteúdo exibido.

Entender o nazismo e sua tomada do poder não é uma tarefa fácil, Boris Fausto (1998) analisando Norbert Elias mostra que é necessário recuar na história da nação germânica e compreender algumas fraquezas que ocorreram ao longo do tempo, como alguns exemplos históricos: A guerra dos trinta anos (1618-1648), a invasão em terras alemãs pelas tropas de Luís XIV (século XVIII) e a derrota na Primeira Guerra Mundial. O nazismo para a sociedade seria uma tábua de salvação, uma chance de unidade da pátria e aproveitando-se disso, Hitler viu uma chance de unir uma pátria de supremacia ariana.

Para Hobsbawm (1995) o poder da explicação do historiador acerca do fenômeno que foi o nazismo parece deveras insignificante, para ele Hitler era:

um líder que falava em tom apocalíptico de poder ou destruições mundiais, e um regime fundado numa ideologia absolutamente repulsiva de ódio racial, um dos países mais cultural e economicamente avançados da Europa planejou a guerra, lançou uma conflagração mundial que matou cerca de 50 milhões de pessoas, e perpetró atrocidades – culminando no assassinato mecanizado em massa de milhões de judeus - de uma natureza e escala que desafiam a imaginação.(HOBBSAWM,1995, p.113)

No livro *Mein Kampf* (1924) Hitler traça um caminho desde seus primeiros passos na política até o desenvolvimento do Partido Nacional-Socialista e a doutrina nazista. Esta última, só teria importância se despertasse, desde os primeiros dias, no coração dos

correligionários, uma convicção religiosa de que a vida política deveria ser uma nova concepção de mundo e significação. Os princípios do partido nazista deveriam ser como um dogma para a religião. Sendo assim, o partido se baseia na concepção “racista”, que nas palavras de Hitler:

A concepção "racista" distingue a humanidade em seus primitivos elementos raciais, Ela vê, no Estado, em princípio, apenas um meio para um fim e concebe como fim a conservação da existência racial humana. Consequentemente, não admite, em absoluto, a igualdade das raças, antes reconhece na sua diferença maior ou menor valor e, assim entendendo, sente-se no dever de, conforme à eterna vontade que governa este universo, promover a vitória dos melhores, dos mais fortes e exigir a subordinação dos piores, dos mais fracos. (HITLER, 1924, p.171)

Para que essa concepção racista seja posta em prática, é necessário que o Estado tenha como objetivo a conservação e aperfeiçoamento da raça. Ao falar de raça, Hitler utilizava exemplos de animais que só se associam a um companheiro da mesma espécie, e para ele era assim que deveria ser, caso não aconteça, a natureza se encarrega de protestar e defender-se por todos os meios. O mesmo acontece com os seres humanos, raças diferentes não poderiam se misturar, “o papel do mais forte é dominar, não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria” (HITLER, 1924, p.131). O cruzamento de uma raça superior com uma inferior seria como um golpe mortal para a natureza. E esse cruzamento acabaria rebaixando a raça mais forte e traria o começo de uma enfermidade, um castigo do Criador.

Para o Führer tudo que há de bonito nesta terra – ciência, arte, invenções - são criações de uma única raça e a estabilidade de toda cultura depende desta raça, a raça ariana. Algo que nunca escondeu enquanto permaneceu no poder. A raça que apresentava mais contraste com o ariano, é a dos judeus, segundo Hitler, nenhum povo possui o instinto de conservação do que os judeus, que sofreram tantas catástrofes e permanecem com uma resistência infinita. Este povo só é unido quando ameaçado por um perigo real, sendo movido pelo egoísmo. Não possuem uma cultura verdadeira, vivem a sombra de outras culturas e o patrimônio de outros povos, estão corrompidos em suas mãos. São comparados com ratazanas ferozes. (HITLER, 1924)

É claro o ódio aos judeus, tanto que para Hitler, o judaísmo não é uma religião e sim um povo com características raciais definidas, que para progredir, teve que recorrer ao conceito de comunhão religiosa. O Judeu instala-se em lugares que não o pertencem, aos poucos começa a trabalhar no poder econômico - como intermediário - , as finanças e os comércios tornam-se monopólios seus, empresta dinheiro para pessoas importantes e com isso

consegue “carta branca” para explorar e extorquir dos “príncipes” que são sugados por precisarem cada vez mais de dinheiro. Assim, “o judeu fala várias línguas e conserva-se, entretanto, sempre judeu” (HITLER, 1924, p.144).

A permanência da raça pura é de extrema importância para Hitler, quem é ariano deve manter relações com outro ariano, quem é judeu deve manter relações com quem é judeu, mas quando um ariano relaciona-se com um judeu? De acordo com Hitler, o judeu envenena o sangue do ariano, e se dessa união nasce uma criança, ela é considerada bastarda, pois só herda qualidades do lado judeu. Os judeus sabem disso, e se aproveitam para camuflar-se cada vez mais na camada superior da sociedade. Assim, o principal objetivo do povo judeu é a conquista econômica e política do mundo.

No ano de 1935, o governo nazista decretou as Leis de Nuremberg, que proibiam casamentos e relações entre judeus e arianos. Essa lei declarava que para manter relações extra conjugais era necessário certificar-se que seu parceiro não era judeu e que seus avós também não eram, bastaria dois avós para ser denominado judeu. As leis são apenas o início de todo um processo de discriminação que os “não arianos” sofreram durante o período nazista, estes construíram o campo de concentração de Dachau, no qual era utilizado para prender opositores políticos e no ano de 1933 organizaram o dia do boicote contra os negócios judeus (CYTRYNOWICZ, 1990), que ficou conhecido como *Kristallnacht* (Noite dos Cristais). “Lojas, lares e templos judeus foram atacados por uma multidão desgovernada. Houve destruição, incêndios, vandalismo. Cerca de cem pessoas foram mortas” (BAUMAN, 1998, p.112).

A política do nazismo era excluir todos aqueles que eram considerados impuros, principalmente os judeus. Para isso, foram criadas inúmeras leis anti-judaicas. Os judeus foram excluídos das profissões liberais, das artes, do cinema, escolas públicas, universidades, cargos de direção de empresas, etc. Logo todos os judeus foram proibidos de frequentar cinema, teatro, concertos, campos de esporte e a partir de 1939 todos foram obrigados a adotar “Israel” e “Sara” como seus primeiros nomes. As leis anti-judaicas foram sendo implementadas em outros países à medida que a Alemanha anexava territórios, como Áustria e Tchecoslováquia (CYTRYNOWICZ, 1990).

Na Polônia a perseguição aos judeus foi mais rápida e violenta, milhares morreram durante a invasão alemã. No ano de 1939 os judeus foram retirados das pequenas cidades e da

zona rural para serem concentrados em guetos<sup>4</sup>. Os guetos de acordo com Cytrynowicz (1990) foram definidos em áreas próximas a linhas ferroviárias e os maiores eram cercados por muros. No final de 1939 os judeus entre 14 e 60 anos foram obrigados a trabalhos forçados. “Em novembro de 1941 foi adotado o símbolo da “Estrela de David” para marcar os judeus como uma medida “higiênica profilática”. Isolar os judeus de uma comunidade racialmente pura era “regra elementar de higiene, racial, nacional e social” (BAUMAN, 1998, p.94).

Um dos planos nazistas era expulsar os judeus da Europa, enviando-os para outras partes do mundo, como Madagáscar, uma ilha no sudeste da África. “O objetivo era transformar Madagáscar, cuja população nativa era de 3,5 milhões de pessoas, em um Estado policial governado por um comandante militar nazista” (CYTRYNOWICZ, 1990, p.38). O plano não foi concretizado, pois a Grã-Bretanha que possuía a hegemonia naval deste território, não permitiu a passagem dos navios. Com o fracasso do plano, outras soluções começaram a ser pensadas pela burocracia nazista.

A Eutanásia foi uma das soluções encontradas pelo governo nazista para livrar-se das raças inferiores. De acordo com Bauman (1998) no dia 1º de setembro de 1939, foram criados centros em Brandenburgo, Hadamar, Sonnenstein e Eichberg que se disfarçavam sob duas mentiras: eram chamados a boca pequena, entre os iniciados, de “institutos de eutanásia”, mas para o amplo consumo apresentados sob nomes ainda mais enganadores e ilusórios, como Centro de Caridade para “Cuidados Institucionais” ou “transporte de doentes”- ou mesmo o inofensivo código “T4” (do endereço rua Tiergarten 4, Berlim, onde ficava o escritório de coordenação de todo morticínio).

Pessoas consideradas “incuráveis”, principalmente pessoas consideradas “doentes mentais”, foram submetidas à esterilização forçada. De acordo com Cytrynowicz, “esta prática não era vista pelos nazistas como crime, por possibilitar, na sua visão, uma morte “misericordiosa” aos indivíduos que estariam biologicamente condenados pela “seleção natural” (1990, p.50). As crianças antes de serem mortas, permaneciam na instituição por alguns dias para um “melhor e mais eficiente tratamento”, os pais que não concordassem perdiam a guarda da criança. Os deficientes mentais ou físicos não podiam ser expulsos ou colocados em campos de concentração, pois não pertenciam a nenhuma das “outras raças”, eram alemães também, mas não serviam para viver no *Reich*. A morte se dava através de

---

<sup>4</sup> Bairro onde, em algumas cidades européias, os judeus eram obrigados a morar; bairro ou região de uma cidade onde vivem os membros de uma etnia ou qualquer outro grupo minoritário, frequentemente devido a injunções, pressões ou circunstâncias econômicas ou sociais.

comprimidos ou injeção de luminal (barbitúrico), após a criança tomar sedativos por dois ou três dias seguidos. Se a criança resistisse aos medicamentos, era aplicada uma dose letal de morfina-escopolamina. Muitas crianças morreram por desnutrição, pois os nazistas afirmavam que os alimentos não poderiam ser dados a pessoas consideradas “inúteis”. (CYTRYNOWICZ, 1990)

Com a tecnologia do gás que a campanha da eutanásia desenvolveu, mudou-se o foco para a exterminação dos judeus da Europa. A solução para exterminar os judeus foram os Campos de concentração e extermínio. De acordo com Cytrynowicz, “as deportações dos judeus de toda Europa ocupada para os Campos de extermínio na Polônia foram iniciadas no final de 1941 e ocorreram até o fim da guerra” (1990, p.71). As deportações eram realizadas por trem, todos os Campos possuíam ligação ferroviária com as linhas mais importantes da Europa. Foram criados seis Campos de extermínio na Polônia com câmaras de gás:

Os nazistas queriam matar o maior número de pessoas no menor intervalo de tempo, com o menor custo e de forma que se pudesse aproveitar ao máximo os corpos como matéria-prima para a indústria (ossos, cabelos) e para acelerar o próprio processo de extermínio (a gordura dos corpos era aproveitada como combustível na sua incineração). (CYTRYNOWICZ, 1990, p.87)

O Campo de extermínio mais conhecido e que aproximadamente um milhão de judeus foram mortos chamava-se Auschwitz-Birkenau e situava-se na Polônia. Este Campo era considerado uma linha de frente da “guerra racial”, os médicos nazistas realizavam “experiências” com a justificativa de que estavam fazendo uma higiene na sociedade. Homens, mulheres e crianças eram “usados” nessas experiências. Havia três tipos de experiências: para fins militares, como teste de condições de sobrevivência em situações específicas; teste de novos remédios para combater doenças; e a tentativa de provocar alterações genéticas para criar indivíduos de uma “raça superior” ou pesquisar métodos para esterilização em massa dos povos considerados inferiores (CYTRYNOWICZ, 1990). Tentou-se criar uma raça superior através da fertilização de mulheres racialmente superiores por homens racialmente superiores (eugenia)<sup>5</sup> (BAUMAN, 1998, p.94).

Diferentes medidas foram pensadas para a exclusão dos judeus da sociedade, de acordo com Bauman (1998, p. 93), “o discurso, a linguagem de Hitler era carregada de imagens de doença, infecção, infestação, putrefação, pestilência. [...] falava dos judeus como bacilos, micróbios da decomposição, vermes”. A execução dos judeus era vista por Hitler e

---

<sup>5</sup> Criada no século XIX por Francis Galton, a eugenia é um conjunto de ideias e práticas relativas a um “melhoramento da raça humana”.

seus executores, como cura da Europa. Os judeus eram vistos como pecadores e estavam condenados a sofrer pelos seus pecados na terra ou no além.

De acordo com Vidal-Naquet (1988) o nacional-socialismo necessitava de um adversário cuja própria existência pudesse integrar grupos antagonistas no seio da sociedade e esse inimigo não poderia ser fraco demais, pois se fosse fraco demais, seria impossível apresentá-lo como inimigo supremo ao povo. Mas, também não deveria ser forte demais, pois os nazistas teriam de comprometer-se numa luta difícil contra um inimigo poderoso. Por esse motivo, a Igreja Católica não foi promovida à categoria de inimigo supremo. Os Judeus prestaram-se magnificamente para esse papel. Consequentemente, essa ideologia e essas práticas anti-semitas acarretam o extermínio dos Judeus, único meio de atingir um objetivo último, ou seja, a destruição das instituições, das crenças e dos grupos ainda livres.

Antes de ser instalada a república de Weimar, a Alemanha era vista pela comunidade judaica internacional como um refúgio de igualdade e tolerância religiosas e nacionais, durante o século XX existia um número grande de acadêmicos e profissionais judeus (BAUMAN, 1998, p.51). O ressentimento popular com os judeus não era nem profundo nem amplamente disseminado, “as tentativas nazistas de trazer o antissemitismo à tona com a encenação de espetáculos públicos de violência anti-judaica mostraram-se contraproducentes e tiveram que ser abandonadas” (BAUMAN, 1998, p.51). O fato das pessoas serem indiferentes a questão judaica era certamente em parte resultado de um vago sentimento de que os judeus eram estranhos e perigosos (COHN, 1967, p.267-8 apud BAUMAN, 1998, p.52). Poucas pessoas queriam saber dos judeus, era um assunto desagradável e analisar o que estava acontecendo na Europa com a população judaica, era inútil.

O termo “antissemitismo” existe por mais de dois milênios, é um termo amplo, mas que segundo Bauman (1998) representa o ressentimento contra os judeus, refere-se à concepção dos judeus como um grupo estranho, hostil e indesejável e às práticas que derivam dessa concepção e a sustentam. O principal argumento utilizado por Hitler contra os judeus era a permanente falta de lar do povo judeu, um povo sem nação:

Hitler acreditava que, não tendo Estado territorial, os judeus não podiam participar da universal luta pelo poder na sua forma ordinária de guerra para conquista de território e assim faziam deles um inimigo particularmente sinistro e formidável; um inimigo, ademais, improvável de ser jamais saciado ou pacificado e por isso fadado a ser destruído para se tornar inofensivo. (BAUMAN, 1998, p. 55)

Assim, nenhum outro fator influenciou mais o antissemitismo do que o fato dos judeus serem uma nação dentro de outra nação. Dentro de cada nação eles eram o “inimigo interno”, e possuíam uma autoidentidade individual. “Os judeus eram não somente diversos de

qualquer outra nação; eram também diferentes de quaisquer outros estrangeiros” (BAUMAN, 1998, p.73). Os judeus eram adaptáveis a todos os lugares onde habitavam e à medida que a nacionalidade tornava-se um elemento forte dentro dos Estados, essa adaptação os tornava um elemento não nacional dentro de uma nação. O judeu sempre foi alguém que viveu num bairro separado (guetos) da cidade e usava roupas diferentes, mas a separação de domicílios não bastava mais, pois ainda assim existiam contatos físicos com a comunidade anfitriã:

A distância territorial tinha, pois que ser suplementada por um ritual inteiramente codificado visando a formalização e funcionalização das relações que não pudessem ser evitadas [...] Como na maioria dos rituais de manutenção de casta e de luta contra a poluição, as proibições do *connubium* e da convivência (assim como de todo *commercium*, exceto o estritamente funcional) estavam entre as mais violentamente impostas e observadas (BAUMAN, 1998,p.56).

O Judeu não tinha cura, para torná-los inofensivos restava apenas a distância ou o extermínio. De acordo com Bauman (1998) em outubro de 1942, Hitler proclamou: “Exterminando a peste, estaremos servindo à humanidade”. Os executores da vontade de Hitler falaram do extermínio dos judeus como *Gesundung* (cura) da Europa, *Selbstreinigung* (autopurificação), *Judenauberung* (expurgo dos judeus). Talvez seja impossível pensar na ideia de um extermínio de todo um povo sem uma imaginação racial, e mesmo com todos os recursos para disseminar o ódio da população aos judeus a aceitação do programa racista ficou bem longe do nível que um extermínio emocional exigiria. O extermínio foi acompanhado por um silêncio e indiferença da população. Grande parte da população alemã apoiava uma atitude energética em relação a separação e perda de poder dos judeus e do ponto de vista dos nazistas, os judeus:

mereciam a morte (e por isso havia ressentimento contra eles) porque se colocavam entre esta realidade imperfeita dominada pelas tensões e o ansiado mundo de tranquila felicidade [...] a ausência dos judeus era precisamente a diferença entre aquele mundo e o imperfeito mundo do aqui e agora (BAUMAN, 1998, p.99).

Os alemães aprovaram a exclusão dos judeus da vida pública e de cargos de poder, os judeus haviam se tornado uma parte estranha e se a maioria da população alemã não era antissemita fanática, era antissemita passiva. Para o antissemitismo ser eficiente, ele precisa se casar com a burocracia, e foi assim que a Alemanha o fez. Calculou custos e tentou estabelecer as melhores relações para que fosse possível expurgar a raça doente, “o racismo é política primeiro, ideologia depois. E como toda política, precisa de organização, administradores e especialistas” (BAUMAN, 1998, p.97). Para Arendt (1979) o antissemitismo político nasceu porque os judeus constituíam um corpo a parte, enquanto a discriminação social resultou da crescente igualdade dos judeus em relação aos demais grupos:

A igualdade de condições, embora constitua o requisito básico da justiça, é uma das mais incertas especulações da humanidade moderna. Quanto mais tendem as condições para a igualdade, mais difícil se torna explicar as diferenças que realmente existem entre as pessoas; assim, fugindo da aceitação racional dessa tendência, os indivíduos que se julgam de fato iguais entre si formam grupos que se tornam mais fechados com relação a outros e, com isto, diferentes. (ARENDDT, 1979, p. 76)

No nazismo, foi abolido o conceito social de que matar inocentes é crime; não havia porque sentir culpa nem intervinha qualquer inibição moral. Matar judeus era a lei. Exterminar pessoas tornou-se uma rotina burocrática e um assunto técnico. Adolf Eichmann era encarregado de coordenar as deportações e o extermínio dos judeus, para ele o que fazia não tinha a ver com antissemitismo, com gostar ou não de judeus, era uma obrigação, estava cumprindo ordens. Após a Segunda Guerra Mundial, Eichmann foi levado para Israel, julgado e enforcado em 1962. Apesar das tarefas realizadas pelos nazistas, nem todos odiavam os judeus, alguns eram indiferentes, tinham amigos judeus, conheciam judeus, mas estavam recebendo ordens, exterminar pessoas, principalmente judeus, era lei (CYTRYNOWICZ, 1990).

Assim, é possível perceber que o principal objetivo da Alemanha nazista era livrar-se das raças impuras que compunham a sociedade. Tornar a Alemanha *judenrein* (livre de judeus) foi uma tarefa da burocracia nazista, que criou leis anti-judaicas, guetos e campos de concentração e extermínio. O objetivo era eliminar da Europa toda comunidade judaica e aqueles que não pertenciam a raça ariana. No ano de 1945 com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, os prisioneiros que ainda restavam nos campos de concentração, foram libertados. Estima-se que seis milhões de judeus foram mortos no período que o governo nazista esteve no poder, mas dos que sobreviveram podemos ter acesso a seus testemunhos em livros, filmes, documentários. Estes testemunhos fazem parte da vida dos sobreviventes, como é o caso do autor Italiano Primo Levi, que escreveu a obra *É isto um homem?*, e que será trabalhada ao longo dos próximos capítulos.

## **2 “CONVÉM QUE DE TAL SITUAÇÃO HUMANA RESTE ALGUMA MEMÓRIA”: TRAUMA, MEMÓRIA, ESQUECIMENTO EM “É ISTO UM HOMEM?”**

Primo Levi nasceu em Turim, Itália, no ano de 1919. Formou-se em Química pela Universidade de Turim em 1941, antes que as leis fascistas impedissem os judeus de frequentarem às Universidades. Em 1943, com 24 anos, juntou-se ao Movimento “*Giustizia e Libertà*” (Justiça e Liberdade) e junto com seus companheiros foi feito prisioneiro pela milícia fascista. Neste mesmo ano, por ser judeu, Levi foi levado para o Campo de prisioneiros de *Fossoli*. Em 1944, foi deportado para Auschwitz e só retornou à Itália em 1945. Ao retornar, recomeçou seu trabalho como químico e sentindo a necessidade de libertar-se da terrível experiência vivida dentro do Campo, escreveu nove livros de testemunhos, ensaios, ficção e poesia (LEVI, 1988). Entre estes *É isto um homem?* escrita em 1947, uma obra de testemunho na qual Levi apresenta como era a rotina dentro do Campo de Auschwitz. Para Levi:

A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de libertação interior. (LEVI, 1988, p.8)

O livro foi escrito em caráter fragmentário, contendo dezoito capítulos. Segundo Levi, estes não foram escritos em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. Este traça um caminho desde a deportação até seus últimos dias dentro do Campo. Desta forma, o presente capítulo tem como objetivo refletir sobre o processo de desumanização imposto pelos nazistas a Levi, com a intenção de suprimir suas identidades.

A forma degradante como Levi e os demais detentos foram tratados durante a deportação e no cotidiano do Campo, demonstra que para os nazistas os judeus não eram dignos de humanidade. As pancadas, o frio, a sede e as precárias condições em que os prisioneiros viviam eram próprias de seres desprovidos de humanidade ou, pelo menos, o tratamento dispensado a essas pessoas objetivava despilós desta característica. Mesmo antes de Levi chegar ao Campo de concentração, era possível identificar a forma com que os nazistas enxergavam-o:

Com a absurda precisão a qual em breve nos acostumaríamos, os alemães fizeram a chamada. Ao final – *Wieviel Stuck?*- perguntou o sargento, e o cabo, batendo continência, respondeu que as “peças” eram 650, e que tudo estava em ordem. (LEVI, 1988, p.16)

Referir-se aos judeus como “peças”, fazia parte de um processo desumanizador que situa-se numa ordem discursiva. Essa ordem ocorre sobre os indivíduos através da imposição

de características como “peças”, “coisas” e “números”, embora, normalmente, esta ação não seja consentida pelos que se tornam o objeto desses discursos:

[...] o processo de desumanização ocorre dentro de uma relação de opressão no qual o oprimido não consente com o que dele é feito, com que é dito sobre ele ou sobre as considerações que pesam sobre si e ainda é obrigado a se submeter a um processo que é contra sua própria vontade. (REGO, 2014, p. 58)

Assim, a desumanização pode ocorrer de duas maneiras: numa ordem discursiva, na qual o opressor fala sobre a própria consideração que faz do oprimido; e numa ordem prática, o tratamento imposto, que objetiva a destruição ou obstrução da construção da identidade do oprimido. Levi passou por estes dois processos de desumanização, os discursos realizados pelo partido nazista, disseminando o repúdio aos judeus; e os Campos de concentração, onde foi privado da sua liberdade, do seu nome e de seus pertences. Este processo de privar o outro de seus pertences, suas lembranças e suas memórias, é fundamental para o processo de desumanização, pois, segundo Pereira (2014) as pessoas atribuem valores, simbologias e significâncias aos seus artefatos, e de certa forma, pode-se dizer que os usos e atributos dos objetos nos caracterizam como humanos. Assim, retirando seus objetos, acredita-se estar retirando sua humanidade. Mas apesar desta tentativa de desumanizar, o que talvez apenas tenha restado a Levi, era sua humanidade:

É como se bastasse aos/às opressores/as uma lógica circundante: maltrato porque é desprovido de humanidade. Por ser desprovido de humanidade é “maltratável” (e sua aparência assim o prova). Nesse sentido, o “desumano” também recebe a conotação de “mau”, de oposto ao “humano”, o que representa uma afronta à humanidade. (REGO, 2014, p.47)

O discurso desumanizador torna-se parte de uma tarefa diária dos nazistas. Antes de Levi ser levado para Auschwitz, teve de conviver com as leis contra judeus, com os discursos que comparava os judeus com “ratazanas”, “vermes”, etc. Ao chegar ao Campo, Levi foi obrigado a tirar suas vestes e usar roupas e sapatos que não eram seus, deixar que raspassem seu cabelo, e ainda foi “batizado” com um número no braço esquerdo, 174.517. Este tratamento é uma forma de homogeneizar todos os prisioneiros, retirando-lhes seu nome, suas histórias e suas bagagens de vida e dando-lhes a mesma roupa, fazendo que tenham a mesma aparência. De acordo com Rego (2014):

‘desumanizar’ diz respeito a “tirar” a humanidade de um ser. Ora, uma vez que só se pode “tirar” aquilo que se tem, seria correto supor que só se poderia retirar a humanidade de um ser que, previamente, a possui. Nesse sentido, a humanidade já estaria “dada”, por assim dizer e, para que houvesse a desumanização, essa pretensa humanidade deveria ser passível de ser retirada. (REGO, 2014, p. 45)

A função do discurso é comparar o ser oprimido com bichos ou coisas para fazê-lo pensar que talvez o opressor esteja certo, pois se o oprimido acreditar não ser mais humano para o opressor a desumanização então será possível. “A coisificação “retira” o status de “humano” de um ser ao impor a ele a condição de 'coisa’ ” (REGO, 2014, p. 88). O modo como os nazistas enxergavam seus prisioneiros, como “não humanos”, fez com que em alguns momentos Levi não tivesse vontade de manter hábitos, antes considerados cotidianos, como lavar-se:

E por que eu deveria me lavar? Me sentiria melhor do que estou me sentindo? Alguém gostaria mais de mim? Viveria mais um dia, uma hora a mais? Pelo contrário, viveria menos, porque lavar-se dá trabalho, é um desperdício de energia e calor (LEVI, 1988, p.54).

Ao falarmos da relação opressor\oprimido, utilizamos a noção de Rego (2014) que apresenta o opressor como aqueles que oprimem e emitem os discursos desumanizadores e que pensam estar “praticando” a desumanização, estes “veem a si mesmos como pertencedores de um certo modelo de ser e de existir no mundo, em detrimento dos outros, que estariam fora desse modelo” (REGO, 2014, p. 55). Já os oprimidos seriam aqueles que não pertencem ao modelo “certo” para os opressores, que vivem à margem da sociedade e que recebem o discurso desumanizador.

Rego (2014) ao falar da relação de opressão utiliza a ideia de Todorov (2010) que ao referir-se ao opressor compara-o com o bárbaro. Os “bárbaros” seriam aqueles que negam a humanidade daqueles que não fazem parte do seu grupo. Assim, vendo o outro como diferente de si, os “bárbaros” tendem a agir de forma violenta, como no caso dos nazistas. A violência é também parte do processo desumanizador, mostrar diariamente que a vida do oprimido está nas mãos do opressor e que a qualquer momento poderá ser fuzilado ou estar numa câmara de gás, é parte desta tentativa de fazer o oprimido sentir-se como um animal, passivo frente ao opressor e pensar que merece ser tratado desta maneira apenas porque os opressores o querem:

os kapos [...] alguns deles nos surram por pura brutalidade; outros, porém, surram-no quando estamos debaixo da carga quase carinhosamente, acompanhando os golpes com exortações e incitamentos, assim como fazem os carroceiros com seus esforçados cavalos. (LEVI, 1988, p.96)

Os prisioneiros “não oferecem qualquer ameaça (pois os oprimidos já se encontrariam ideologicamente alienados ou já estariam submetidos ao poder hegemônico)” (REGO, 2014, p.), então porque desumanizar? Uma hipótese pode ser pelo fato dos opressores precisarem diferenciar os “não humanos” dos “humanos”, por este motivo, os nazistas colocaram os judeus em guetos e em Campos de concentração, para deixar claro a população quem possuía

humanidade. Outra hipótese poderia ser a tentativa do poder institucional de fazer com que as pessoas que estavam envolvidas com o sistema, colaborassem, matassem acreditando que estavam executando insetos em vez de homens e mulheres.

Também devemos pensar que o opressor nem sempre vê o oprimido como “não humano”, mas sente prazer em tratá-lo como coisa ou bicho. Assim, seja como for, a violência contra seres humanos, parece, em muitos casos divertir o opressor:

Chega o *kapo*, distribui pontapés, socos e palavrões, os companheiros se dispersam como farelo ao vento; Null Achtzehn leva uma das mãos ao nariz, retira-a ensanguentada, olha-a em silêncio. Eu só recebo duas bofetadas na cabeça, dessas que não doem, apenas tonteiam um pouco. (LEVI, 1988, p.61-62)

Nesta citação é necessário entender quem são os “kapos”, pois ao se tratar dos abusos sofridos por Levi, dentro e fora do Campo, referimos, seguidamente, os nazistas como opressores. Entretanto, neste caso, cabe lembrar que os violentos “kapos”, eram prisioneiros comuns (não judeus), judeus criminosos ou presos políticos que, na tentativa de sobreviverem aos Campos, tornavam-se guardas (“feitores”) a serviço dos alemães, atuando dentro dos barracões de prisioneiros. Ao receberem regalias e melhores condições de sobrevivência, encarnavam uma representação de controle e poder, reproduzindo os atos de opressão e desprezo que os guardas nazistas tinham para com os cativos judeus. Os kapos também eram tratados como “não humanos”, ou “menos humanos”, mas em troca da possibilidade de sobrevivência, participavam diretamente do processo de desumanização de seus “colegas” de Campo.

Dependendo do Campo, os privilégios mudavam, recebiam melhor alimentação, melhores roupas e um local melhor para dormir. Segundo Levi, havia um Bloco destinado apenas para “kapos”, estes não dormiam junto com prisioneiros “normais”:

Os SS estão aqui, sim; poucos, porém, fora do Campo, e raramente aparecem. Nossos verdadeiros patrões são os triângulos verdes, que podem fazer de nós o que querem, e, além deles, os das outras duas categorias que se prestem a secundá-los. E estes não são poucos. (LEVI, 1988, p.42)

Ao referir-se “aos das outras categorias”, Levi está se referindo aos políticos que levam um triângulo vermelho no casaco e aos judeus que levam a “Estrela de David”, alguns destes seguem ordens dos nazistas e dos triângulos verdes, que são criminosos e que são como patrões para os prisioneiros comuns.

Agredir por motivos banais é uma forma de mostrar ao oprimido que o opressor comanda, que ele detém o poder, se algo o desagradar quem é prejudicado é o oprimido, neste caso, os judeus. Dentro do processo desumanizador esta a indiferença/insignificância com que

os judeus eram tratados, Levi ao chegar ao Campo de concentração, depois de longos dias de viagem, sem poder tomar água e sentar, é obrigado a esperar horas de pé, com sede e cansado:

Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós, cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante, mas que não tem água potável, esperando algo certamente terrível, e nada acontece, e continua não acontecendo nada. Como é possível pensar? Não é mais possível; é como se estivéssemos mortos. Alguns sentam no chão, o tempo passa gota a gota. (LEVI, 1988, p. 25-26)

Mesmo sendo claro o cansaço e a sede, os nazistas os fazem esperar, mostrando que dentro do Campo quem detém as leis e o controle sobre o tempo são eles, restando aos prisioneiros aguardar e obedecer. Levi compara o Campo com o inferno, um local do qual não há salvação, não há saída, uma dimensão de existência onde todas as formas de martírio físico, psicológico e espiritual devem ser esperadas. “Ó, vós que entrais, abandonai toda a esperança” (ALLIGHIERI, Dante, Divina Comédia, Inferno: Canto 3, 1955, p.31). O processo de desumanização busca o esvaziamento, a desconstrução de qualquer esperança, objetivando fazer o indivíduo perceber que nada, nem ninguém poderá ajudá-lo. A despersonalização, o vazio, sem lembranças, sem perspectivas, o esquecimento de qualquer identidade pode ser encontrado em algumas concepções de formas de existência pós-vida, como o tártaro grego e o sheoljudaico. Dimensões onde o tempo não existe, onde os indivíduos, privados de suas identidades e recordações vagam eternamente, esvaziados de existência. Como fugir do inferno? Muitas religiões o concebem como condenação eterna. O inferno de Levi não tem fim com sua libertação, ao sair do Campo de concentração ele, assim como inúmeros outros prisioneiros, carregaram consigo, em suas memórias, um inferno particular, construído por experiências traumáticas de terrores, brutalidades e humilhações:

Abro a janela, quebro o caramelo, mas logo adianta-se um grandalhão que está dando voltas lá fora e o arranca brutalmente da minha mão. - *Warum?*- pergunto, e meu pobre alemão. - *Hier ist kein Warum* – (aqui não existe “por quê”), responde, empurrando-me para trás. (LEVI, 1988, p.36)

As perguntas são inúteis, não há “porquês”. Percebemos então que tudo é regrado e controlado, os prisioneiros possuíam hora para trabalhar, dormir, acordar, comer, lavar-se, era uma rotina que não poderia ser quebrada. O tempo deveria ser bem utilizado, tendo um controle durante o trabalho para que não haja nenhum tipo de distração. Todos trabalham, com exceção dos doentes, segundo Levi, o trabalho é um emaranhado de leis, tabus e problemas. Cada manhã todos saem do Campo em formação dirigindo-se a fábrica e à noite voltam da mesma maneira.

[...] é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações; para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua

ordem e duração. O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder. (FOUCAULT, 2010, p.146)

Controlar o espaço, o tempo, as ações, os movimentos, o sono, os pertences, a alimentação, controlar o corpo e a mente, esta inteiramente ligado a disciplina, e segundo Foucault (2010) existem pequenas técnicas de vigilância pelo olhar, pois os prisioneiros estão sendo controlados todo tempo e sabem disso:

Inúmeras são as proibições: aproximar-se a menos de dois metros do arame farpado; dormir com o casaco posto, ou sem ceroulas, ou de chapéu na cabeça; usar os lavatórios e as privadas que são “só para kapos” ou “só para Reichsdeutsche” (cidadãos alemães); não tomar ducha nos dias marcados ou tomar fora desses dias; sair do Bloco com o casaco desabotoado ou com a gola levantada; levar, por baixo da roupa, papel ou palha para se proteger do frio; lavar-se de outra maneira que não seja com o peito nu. (LEVI, 1988, p.43)

Foucault (2010) ao falar da disciplina também fala de “adestramento”, pois a disciplina tem como função maior, “adestrar” para retirar e se apropriar ainda mais e melhor do prisioneiro:

“Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos do seu exercício. (FOUCAULT, 2010, p.164)

O poder que pratica o “adestramento” é um poder permanente, que funciona a modo de uma economia calculada, como os nazistas que utilizaram-se da burocracia e de suas funções perante o Estado para disseminar o ódio aos judeus e construir campos de concentração.

Como foi visto no primeiro capítulo deste trabalho, os nazistas utilizaram-se da propaganda para gerar um sentimento anti-semita na população alemã, mas segundo Bauman (1998), essa propaganda não obteve o sucesso esperado, pois estes recusavam-se a enxergar os judeus que por vezes eram seus vizinhos/amigos/parentes, como seres “não humanos”:

As tentativas nazistas de insuflar os sentimentos antissemitas e dinamizar o ressentimento estático (distinção habilmente formulada por Mullher-Claudius)- isto é, de inflamar a população não partidária, sem compromisso ideológico, para cometer atos de violência contra os judeus ou pelo menos apoiar ativamente as exibições de forças dos SA- fracassaram pela repugnância popular à coerção física, teimosa lealdade do ser humano a seus vizinhos, a pessoas que se conhecem e fazem parte do nosso mapa-múndi como pessoas e não como espécimes anônimos de um grupo. (BAUMAN, 1998, p.214-215)

Esta passagem de Bauman (1998) mostra que apesar da imensa tentativa de mostrar que os judeus não pertenciam a categoria de humano e que mereciam a morte, a propaganda acabava sendo ineficaz. O Holocausto segundo Bauman (1998) foi um mundo dividido entre

assassinos loucos e vítimas indefesas, com muitos outros ajudando as vítimas quando podiam, mas a maior parte do tempo incapazes de ajudar. É possível pensarmos que o Holocausto foi cometido por loucos, sádicos ou criminosos por natureza, mas a maioria dessas pessoas eram normais. Então como esses alemães normais tornaram-se executores desse extermínio? (BAUMAN, 1998):

Na opinião de Herbert C. Kelman, inibições morais contra atrocidades violentas tendem a ser corroídas se satisfeitas três condições, isoladas ou em conjunto; a violência é *autorizada* (por práticas governadas por normas e a exata especificações de papéis) e as vítimas da violência são *desumanizadas* (por definições e doutrinações ideológicas). (BAUMAN, 1998, p. 41)

Levi ao prestar o exame para a prova de Química dentro do Campo, teve de ficar frente a frente com um doutor alemão que decidiria seu futuro no Campo. Levi se perguntava como seria a vida deste homem, como preencheria seu tempo e ao olhar nos olhos do doutor, percebeu que não era um olhar entre dois homens, pois foi um olhar trocado como através do vidro de um aquário entre dois seres que habitam dois meios diferentes (LEVI, 1988):

Deu para perceber, naquele instante e imediatamente, o que todos nós pensávamos e dizíamos dos alemães. O cérebro que dirigia esses olhos azuis, essas mãos bem cuidadas, dizia, “Esse algo que está na minha frente pertence a um gênero que, obviamente, convém eliminar. Neste caso específico, deve-se, antes, examinar se ele não contém ainda algum elemento aproveitável”. (LEVI, 1988, p. 156)

Mesmo na situação de oprimido, sendo visto como um ser “não humano”, Levi foi aprovado na prova de Química e passou a trabalhar no Laboratório de Química, sendo promovido a “especializado” e tendo direito a camisa e ceroulas novas. Esta ação faz parte de um processo de aproveitamento de tudo o que o “outro” pode fornecer.

Hannah Arendt (2007) utiliza o termo “condição humana” para tratar de tudo que entra em contato com o homem e que torna-se uma condição da sua existência. Os homens são seres “condicionados”, tudo que adentra a vida humana, tudo que é construído e o modo de vida do ser humano, faz parte da condição da sua existência, sem essas coisas a existência deixaria de ser humana. Arendt (2007) apresenta três modos de *vida activa*: labor, trabalho e ação, estas são atividades fundamentais da vida do homem na Terra e Aristóteles distinguia três modos de vida:

Que os homens podiam escolher livremente, isto é, em inteira independência das necessidades da vida e das relações delas decorrentes. Esta condição prévia de liberdade eliminava qualquer modo de vida dedicado basicamente à sobrevivência do indivíduo – não apenas o labor que era o modo de vida do escravo, coagido pela necessidade de permanecer vivo e pela tirania do senhor, mas também a vida de trabalho dos artesãos livres e a vida aquisitiva do mercador. Em uma palavra, excluía todos aqueles, que involuntária ou voluntariamente, permanente ou temporariamente, já não podiam dispor em liberdade dos seus movimentos e ações. (ARENDR, 2007, p. 20)

O Campo de concentração tornou-se uma condição de vida para Levi, este era condicionado a viver da maneira que os nazistas impuseram, com objetos que não eram seus, com pessoas que não eram a sua família e numa cidade que não lhe pertencia. Não possuía liberdade, não era livre para fazer suas escolhas, apenas tinha que encontrar uma maneira de não sucumbir a rotina de vida e trabalho do Campo:

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavra para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. (LEVI, 1988, p.32)

Sobreviver faz parte da condição humana, Levi compreendeu que dentro do Campo tudo era proibido porque este lugar foi criado para tirar tudo dos seres que nele estavam aprisionados. Quem desejasse manter-se vivo teria que aprender bem e depressa a (sobre)viver neste lugar. Essa condição de vida e a tentativa da desumanização, afeta diretamente a Identidade do ser humano, Levi viu-se perdido, em crise com suas identidades:

Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão - e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. (LEVI, 1988, p.32)

O sociólogo Zygmund Bauman (2005) explica que a ideia de identidade nasceu da crise do pertencimento e do esforço, e tanto o pertencimento como a identidade “não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (p.17). Assim, ao abordarmos o conceito de identidade, falaremos em identidades, pois partimos da ideia de que o ser humano possui diversas identidades. Levi era judeu, italiano, químico, cada uma dessas características compunha suas identidades:

No que se refere ao indivíduo, identidade pode ser um *estado*- resultante, por exemplo, de uma instância administrativa: meu documento de identidade estabelece minha altura, minha idade, meu endereço etc. -, uma *representação*- eu tenho uma ideia de quem sou – e um *conceito*, o de identidade individual, muito utilizado nas Ciências Humanas e Sociais. (CANDAUI, 2011, p.25)

De acordo com os autores Silva e Silva, podemos compreender a identidade pessoal como a característica de um indivíduo de se perceber como o mesmo ao longo do tempo, a identidade permite que o indivíduo torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros. Os autores ainda definem a identidade cultural, que seria a partilha de uma mesma essência entre diferentes indivíduos. Assim, em sua chegada no Campo, Levi passou pelo processo que chamamos de homogeneização, este processo acabou tornando sua aparência igual a dos outros prisioneiros. Após o fim da Segunda Guerra Mundial algumas imagens foram

divulgadas, sendo possível ver os corpos dos prisioneiros mortos empilhados em valas, tornando difícil distinguir quem era homem de quem era mulher. Devemos compreender que as identidades estão em constante relação com as diferenças, pois não existe identidade sem diferença, além disso:

Precisamos considerar que toda identidade é uma construção histórica: ela não existe sozinha, nem de forma absoluta, e é sempre construída em comparação com outras identidades, pois sempre nos identificamos como o que somos para nos distinguir de outras pessoas. (SILVA;SILVA, 2006, p.204)

Levi passou pelo processo que chamamos de “suprimento de identidades”, na sua chegada ao Campo foi lhe tirado o direito de ter seu próprio nome, foram lhe tiradas suas roupas, seus pertences e a partir daquele momento tudo o que lembrasse seu “eu” anterior ao Campo, tinha que ser esquecido:

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento- pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo. (LEVI, 1988, p.33)

Ao retirar do ser humano seu nome e tudo que lhe pertence, estará negando sua individualidade, “chamar alguém por seu nome [...] é lembrar-se da atribuição e do reconhecimento social de uma identidade” (CANDAUI, 2011, p.69). Ao tatuar no braço esquerdo do indivíduo um número, esta ameaçando e colocando em questão suas identidades:

Ao que parece, esta é a verdadeira iniciação: só “mostrando o número” recebem-se o pão e a sopa. Necessitamos de vários dias e de muitos socos e bofetadas, até criarmos o hábito de mostrar prontamente o número. [...] E durante muitos dias, quando o hábito da vida em liberdade me levava a olhar a hora no relógio, no pulso aparecia-me, ironicamente, meu novo nome, esse número tatuado em marcas azuladas sob a pele. (LEVI, 1988, p.34)

Apesar das tentativas de fazer com que Levi e os demais prisioneiros se enxergassem como não humanos, era claro para Levi que aquele que praticava a tentativa de desumanização e aqueles que aceitavam ser considerados de tal maneira, que não eram humanos.

Os personagens destas páginas não são homens. A sua humanidade ficou sufocada, ou eles mesmos a sufocaram, sob a ofensa padecida ou infligida a outros. Os SS maus e brutos, os *Kapos*, os políticos, os criminosos, os “proeminentes” grandes e pequenos, até os *Haftling* indiscriminados e escravos, todos os degraus da hierarquia insensata determinada pelos alemães estão, paradoxalmente, juntos numa única íntima desolação. (LEVI, 1988, p.180)

Levi considerava-se um *Haftling* (prisioneiro), e ao encontrar Lourenço, um trabalhador externo que durante seis meses dava o pão, seus restos de refeições, camisa e escreveu um

cartão-postal à Itália para Levi, e tudo isso, sem pedir nada em troca, apenas porque ele “era simples e bom e não pensava que se deve fazer o bem a fim de receber algo em troca” (LEVI, 1988, p.176), sua “vida” no Campo tornou-se diferente e esta atitude foi fundamental para a manutenção das identidades de Levi dentro do Campo:

Lourenço, não. Lourenço era um homem; sua humanidade era pura, incontaminada, ele estava fora desse mundo de negação. Graças a Lourenço, não esqueci que eu também era um homem, (LEVI, 1988, p.180)

As identidades podem ser tanto individuais como coletivas, Levi compartilhava um sentimento de pertencimento com outros indivíduos que também eram judeus, italianos, químicos, o Campo de concentração além de ser uma tentativa de suprimir as identidades de Levi, eram “uma forma de controle social da alteridade ontológica do sujeito ou da alteridade representada por um grupo” (CANDAU, 2011, p.67). Para o autor Stuart Hall não importa as diferenças de classe, gênero ou raça entre os membros de uma nação, a cultura nacional busca unificá-los como um todo, como se fosse uma grande família nacional, ou seja, um único povo. Com base neste pensamento, o autor argumenta que ao invés de pensar em culturas nacionais como um todo, devemos pensá-las como parte constituinte em um dispositivo discursivo, que representa a diferença como unidade ou identidade.

Levi e seus companheiros judeus eram a diferença dentro do Campo e por algum tempo tentaram encontrar-se para manter uma unidade e para não esquecerem quem eram antes de entrar no Campo, mas cada vez que encontravam-se estavam em menor número e era triste demais lembrar dos amigos e da vida em liberdade:

Resolvêramos encontrar-nos, nós, italianos, cada domingo à noite, num canto do Campo, mas paramos logo com isso; era triste demais contar-nos, encontrar-nos cada vez em menor número, cada vez mais disformes, esqueléticos. E custava caminhar até lá, por perto que fosse; e, ainda, encontrando-nos, aconteceria lembrar, pensar... melhor não. (LEVI, 1988, p.49)

A identidade cultural ou coletiva, segundo Candau (2011) serviu de substrato para todos os grandes *slogans* totalitários do século XX e caracterizou-se como uma “ideia de morte”. A propaganda nazista empenhou-se em discursos que suprimiam a identidade judaica e que legitimavam uma identidade alemã, isto serviu como uma forma de união dos indivíduos que lutaram contra o governo nazista e que dentro do Campo de concentração por alguns momentos sentiam-se um pouco tranquilos quando seu parceiro de cama ou trabalho era da mesma origem. Levi, ao voltar do Ka-Be (enfermaria), onde passou vinte dias, foi direcionado para outro Bloco, ao chegar percebeu que aquele era o mesmo Bloco do seu

melhor amigo Alberto, um jovem Italiano de 22 anos. Assim, Levi tentou dormir ao lado de Alberto, mas não conseguiu:

Não consegui licença para dormir na cama dele, e nem ele conseguiu, apesar de gozar já de certa popularidade no Bloco 45. É uma lástima, porque ter um companheiro de cama no qual confiar ou, ao menos, com o qual se entender, representa vantagem inestimável. (LEVI, 1988, p. 81)

A amizade com Alberto e a que Levi fez dentro do Campo, principalmente os amigos que fez nos últimos dias, como Charles e Arthur, foram importantes para sua sobrevivência, “à noite, ao redor da estufa, Charles, Arthur e eu sentimos, ainda uma vez, que tornávamos a ser homens. Podíamos falar de tudo” (LEVI, 1988, p.252). Os laços de amizade feitos dentro do Campo deram a Levi uma vontade de sobreviver aquela condição e de resistir a todas as tentativas de fazê-lo pensar que não é digno de humanidade:

Uma parte da nossa existência está nas almas de quem se aproxima de nós; por isso, não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem. Nós três ficamos em grande parte imunes a isso e por essa razão nos devemos gratidão recíproca. Minha amizade com Charles resistirá ao tempo. (LEVI, 1988, p.253)

A vida no Campo fazia com que os prisioneiros não tivessem gestos de solidariedade com os outros, alguns faziam qualquer coisa para sobreviver, “come teu pão e, se puderes, o do vizinho!” (LEVI, 1988,p.234). Mas nos dias que se aproximavam a libertação, Levi e os amigos trabalhavam juntos pela sobrevivência e os demais companheiros perceberam seus empenhos e sugeriram que cada um oferecesse uma fatia de pão a os que trabalharam:

Foi o primeiro gesto humano entre nós. Acho que poderíamos marcar naquele instante o começo do processo pelo qual nós, que não morremos, de *Haftling* voltamos lentamente a ser homens.” (LEVI, 1988, p.234)

Hall ao falar de identidade cultural explica que essas identidades não estão literalmente em nossos genes, mas pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial. “As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação* (HALL, 2006, p.48). Assim, a identidade tanto individual como coletiva possui uma ligação constante com a memória, Candau (2011) explica que a memória alimenta e fortalece a identidade tanto no nível individual como coletivo:

De fato, o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos no domínio da “identidade étnica”, a completa assimilação dos indivíduos pode ser contestada pela sociedade que os acolhe, desde que o trabalho de esquecimento de suas origens não tenha se completado. (CANDAU, 2011, p.18)

Para Pollak (1992) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, pois ela é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p.5)

Memória e identidade são fenômenos que estão em constante disputa e de acordo com Candau (2011), a memória é a identidade em ação, mas ela pode ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, nos casos de lembranças e tragédias, como no caso de Primo Levi. Assim, no próximo capítulo trabalharemos com a questão da memória traumática que a “vida” no Campo de concentração gerou em Levi.

### 3 “CONVÉM QUE DE TAL SITUAÇÃO HUMANA RESTE ALGUMA MEMÓRIA”: Trauma, memória e esquecimento em “É Isto um homem?”

Como vimos no capítulo anterior, Levi sofreu inúmeras tentativas de desumanização, dentro e fora do Campo de concentração. Essa tentativa tinha como objetivo suprimir as identidades de Levi e fazê-lo acreditar que não era digno de ser humano, gerando assim uma crise de identidade. Esses processos agem diretamente na memória do ser humano, pois, tanto dentro como fora do Campo a lembrança de alguns momentos é sempre constante na memória de Levi. Em liberdade Levi lembrava momentos em que tinha fome, frio, sede, cansaço, em que perdia seus companheiros para a morte dentro do Campo e todas essas lembranças estão em sua memória, é um “passado que não quer passar”<sup>6</sup> e que gera uma memória traumática que Levi teve de conviver todos os dias após sua libertação. Assim, este capítulo procura analisar a memória traumática que as lembranças da “vida” no Campo geraram em Levi, apresentando o conceito de memória de acordo com alguns autores.

Desde sua chegada até o fim de seus dias dentro do Campo, para Levi a memória servia tanto como uma aliada como uma inimiga, pois, lembrar da vida em que levava lá fora ao mesmo tempo servia para recordar de momentos felizes, mas também lembrava que aquele modo de vida poderia não pertencer mais a Levi, que agora em diante a sua vida seria dentro do Campo lutando pela sua (sobre)vivência. O modo como Levi é tratado pelos nazistas além de ser uma tentativa de suprimir suas identidades, é também uma forma de aniquilação da memória, no Campo retira-se tudo que o indivíduo possui, nome, dignidade, objetos, roupas:

Mas que cada um reflita sobre o significado que se encerra mesmo em nossos pequenos hábitos de todos os dias, em todos esses objetos nossos, que até o mendigo mais humilde possui: um lenço, uma velha carta, a fotografia de um ser amado. Essas coisas fazem parte de nós, são algo como os órgãos de nosso corpo; em nosso mundo é inconcebível pensar em perdê-las, já que logo acharíamos outros objetos para substituir os velhos, outros que são nossos porque conservam e reavivam as nossas lembranças. (LEVI, 1988, p.33)

De acordo com Pereira (2014) a memória pode ser ativada através da cultura material, “quando esta possuir ou remeter um valor simbólico, conseqüentemente, alguma representação que irá despertar certas sensibilidades no sujeito’ (p.22). Assim, os objetos a que atribuímos valores sentimentais, nos humanizam e auxiliam a constituir nossas memórias e identidades.

---

<sup>6</sup> Termo retirado do artigo: NOLT, ERNST. **O passado que não quer passar: um discurso que pode ser escrito mas não proferido.** Novos estudos: 1989.

Segundo Candau (2011) a memória permite unir aquilo que fomos ao que somos e ao que seremos, e se perdemos a memória, estamos perdendo também nossa identidade, pois, o sujeito que se esvazia, vive apenas o presente, “não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si” (p.59-60).

Candau (2011) ainda explica que é o conjunto da personalidade do indivíduo que emerge da memória. Assim através da memória o indivíduo capta, compreende e dá sentido ao mundo. As memórias da vida em liberdade estão vivas em Levi e isso só deixa claro o quanto é dura a realidade e que o futuro é incerto:

Não sabemos, porém, para onde vamos. Talvez sobrevivamos às doenças e escapemos às seleções, talvez aguentemos o trabalho e a fome que nos consomem, mas, e depois? Aqui, longe (por enquanto) das blasfêmias e das pancadas, podemos retornar dentro de nós mesmos e refletir, e tornar-se claro, então, que voltaremos. Viajamos até aqui nos vagões chumbados; vimos partir rumo ao nada nossas mulheres e nossas crianças; nós, feito escravos marchamos cem vezes, ida e volta, para a nossa fadiga, apagados na alma antes que pela morte anônima. Não voltaremos. Ninguém deve sair daqui; poderia levar ao mundo, junto com a marca gravada na carne, a má nova daquilo que, em Auschwitz, o homem chegou a fazer do homem. (LEVI, 1988, p.78)

A memória dos sofrimentos, dolorosa é compartilhada por aqueles que sofreram ou cujos amigos e parentes tenham sofrido, modificando suas personalidades. A identidade de acordo com Candau (2011) em boa parte apóia-se sobre a memória das tragédias coletivas. As perseguições que judeus como Levi sofreram, serviram para fortalecer o sentimento de identidade e a memória dessas perseguições serão repassadas de gerações para gerações. A transmissão da memória traumática apresenta-se como a recusa ao esquecimento do que foi experienciado durante o período nazista.

A memória é um direito e um dever, para Levi lembrar e escrever sobre o que passou no Campo de concentração foi uma maneira de afirmar suas identidades como homem, judeu e italiano. Rever e (re)trabalhar o vivido, através da produção de um texto, possibilitou abordar e encarar memórias que, a princípio, deveriam ser esquecidas. Porém, a negação da memória pode torná-la um fardo pesado demais para ser carregado.

As lembranças, repletas de emoções, estão vinculadas a uma consciência que age no presente. Apesar da situação de total privação sofrida pelos prisioneiros, eles relembram, sozinhos ou em grupos, momentos vividos em seus lares, com suas famílias e amigos. Este pode ser visto como um recurso, embora dolorido, e através da evocação de memórias realizar a manutenção de suas identidades.

Sabemos de onde viemos; as lembranças do mundo de fora povoam nossos sonhos e nossas vigílias; percebemos com assombro que não esquecemos nada; cada lembrança evocada renasce à nossa frente, dolorosamente nítida. (LEVI, 1988, p.77)

De acordo com Candau (2011), algumas experiências podem estar carregadas de sentimentos insuportáveis, lembranças que não se ousa confessar aos outros e, sobretudo, a si próprio, pois elas poderiam colocar em risco a imagem que a pessoa faz de si mesma, mas Levi relata suas memórias, pois, para ele é importante compartilhar suas lembranças, ao adormecer sonha que está com sua irmã e um amigo, contando como é a sua vida no campo:

É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio. Nasce então, dentro de mim, uma pena desolada, como certas mágoas da infância que ficam vagamente em nossa memória; (LEVI, 1988, p.85)

Pollak (1989) explica que para relatar seu sofrimento, o indivíduo antes de mais nada precisa encontrar uma escuta, mas o investimento da reconstrução do pós-guerra exauriu a vontade de ouvir os acontecimentos dos campos. “A deportação evoca necessariamente sentimentos ambivalentes, até mesmo de culpa, e isso também nos países vencedores onde, como na França, a indiferença e a colaboração marcaram a vida cotidiana ao menos tanto quanto a resistência” (POLLAK, 1989, p.4). O silêncio tornou-se parte da vida dos sobreviventes, que necessitavam encontrar uma forma de conviver com pessoas que se mostraram passivas ou indiferentes as deportações. Experiências traumáticas podem gerar sentimentos de culpa, tanto nas pessoas que foram passivas ao assistirem atos de violência, como nos que sobreviveram a estes atos de violência.

Para Nora (1984) a memória é vida, esta sempre em constante evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, é sempre um fenômeno vivido no eterno presente, assim, a memória se torna absoluta:

A memória instala a lembrança no sagrado, a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas outras memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. [...] A memória se enraiza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. (NORA, 1984, p.9)

Se a memória move-se a partir da lembrança e do esquecimento, devemos nos questionar como algumas memórias são preservadas e outras esquecidas. Acontecimentos traumáticos como o vivido por Levi deveriam fazer parte do esquecimento, para este não ter de conviver com a lembrança traumática, mas ao mesmo tempo deve ser lembrado, para que esse episódio seja analisado e jamais ocorra novamente:

Poderíamos, então, perguntar-nos se vale mesmo a pena, se convém que de tal situação humana reste alguma memória. A essa pergunta, tenho a convicção de que nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo, de que todas merecem ser analisadas; de que se pode extrair valores fundamentais (ainda que nem sempre positivos) desse mundo particular que estamos descrevendo. (LEVI, 1988, p.127)

Acontecimentos como o Holocausto devem estar sempre entre as pesquisas e os assuntos no mundo contemporâneo, devemos dar a memória o direito à memória. Obras de testemunhos e biografias dão esse direito, pois, tornam o leitor um sujeito histórico a par das memórias de sobreviventes e demonstram um fortalecimento das identidades de quem escreve. Mas é necessário compreendermos que a memória contada pode não ser um fiel retrato da memória vivida:

[...] é preciso compreender como este ser do presente, o narrador que lembra e conta, é também resultado da sua própria historicidade como homem em um tempo que muda. [...] Assumimos, assim, a autobiografia como esta busca, talvez, sem um tempo preciso, pelo tempo quase perdido, pelo passado, por um tempo que pode ser (re) vivido, (re) atualizado no ato de lembrar, mas também no ato de narrar essas lembranças. A memória, assim, carregada de afetos, interfere nessa voluntariedade da empreitada autobiográfica. (SANTOS, 2009, p.5)

Assim, é nessa forma de sentir e contar que aparece o esquecimento como par da memória. “O contar, concomitante ao dizer, silencia e oculta; escolhe e faz divisões entre o que deve permanecer e o que pode ou deve ser esquecido” (SANTOS, 2009, p.6). E de acordo com Santos (2009) o esquecido assume duas feições: o ausente e o não dito. O ausente, seria aquilo que a memória esqueceu. Levi ao escrever *É isto um homem?* esclarece que nada foi fruto de sua imaginação, cada capítulo contado foi vivido por ele e seus companheiros, mas existem detalhes que a sua memória não guardou, ou porque não era importante, ou porque era demais lembrar.

Candau (2011) apresenta o esquecimento como inimigo da memória, pois, ele é um objeto de medo e tentação, impondo-se sempre sobre as lembranças. O esquecimento é necessário, evita que as memórias tornem-se um fardo, e o esquecimento ajuda aquele que sofre. Levi no dia-a-dia do Campo não possuía tempo para lembrar, pois o trabalho era cansativo demais e ao chegar aos barrocões só se pensava em comer e dormir, assim não pensava sobre sua vida em liberdade, sua família, o esquecimento servia como uma proteção para suportar o que estava se passando, mas ao estar no Ka-Be (enfermaria), Levi não precisava trabalhar, assim havia tempo para lembrar e sofrer:

Quando se trabalha, se sofre, não há tempo de pensar; nossos lares são menos que uma lembrança. Aqui, porém, o tempo é nosso; de beliche para beliche, apesar da proibição, nos visitamos e falamos. O Bloco de madeira, apinhado de humanidade sofredora, está cheio de palavras, de lembranças e de uma dor diferente. *Heimweh*,

chama-se em alemão essa dor. É uma palavra bonita; significa “dor do lar”. (LEVI, 1988, p.77)

Portanto, a lembrança que mais se desejava esquecer era a do sofrimento, da dor, do trauma vivido dentro do Campo, que o faz sofrer simplesmente porque lembra. O esquecimento não é como a memória, um acontecimento, uma lembrança, uma recordação que se reatualiza, se revive; mas um processo no qual se sabe apenas que algo foi esquecido (SANTOS, 2009).

*É isto um homem?* vem a ser essa extensão da memória, pois, apesar de alguns autores revisionistas tentarem negar de todas as formas que os Campos de concentração não existiram, Levi com seu testemunho afirma e comprova que aconteceu e estava lá. “Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação” (LEVI, 1988, p.8).

Pollak (1992) explica que a priori a memória parece ser um fenômeno individual, algo íntimo da pessoa, mas segundo ele, Maurice Halbwachs apresenta a memória como um fenômeno coletivo e social, submetido a flutuações, mudanças e transformações, mas existem também marcos importantes na memória que são imutáveis. Para Pollak os elementos constitutivos da memória tanto coletiva como individual, são os acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles vividos por tabela, que aconteceram com grupos que o indivíduo se sente pertencer. Além dos acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens e lugares, personagens encontradas durante a vida e lugares que lembram algo importante de infância ou algo que foi marcante na vida da pessoa.

Ainda guardávamos as lembranças de nossa vida anterior, mas veladas e longínquas e, portanto, profundamente suaves e tristes, como são para todos as lembranças da infância e de tudo que já acabou, enquanto o momento de nossa chegada ao Campo marcava para cada um de nós o início de uma diferente sequência de lembranças, recentes e duras, continuamente confirmadas pela experiência presente, como feridas que tornassem a abrir-se a cada dia. (LEVI, 1988, p.172)

As lembranças da vida em liberdade estavam sempre presente na memória de Levi, por mais que lembrar fosse um sofrimento. A memória tornava-se mais forte a cada momento em sua vida de prisioneiro, pois coisas que costumava fazer cotidianamente em casa, no Campo são impensáveis. Nesse momento temos o encontro, o confronto de duas memórias. Ao mesmo tempo em que Levi, depois de libertado, recorda da fome que passou no Campo e a obrigação de se alimentar todos os dias com uma sopa rala e pão, lembra-se também que naquele momento arrependia-se de não aproveitar, devidamente, os alimentos que comia antes de ser deportado:

Como a nossa carne é fraca! Eu me dou conta perfeitamente de quanto são vãs essas fantasias de fome, mas não consigo arrancar-me da lei comum, dança na frente de meus olhos o macarrão que tínhamos recém-cozinhado, Vanda, Luciana, Franco e eu, na Itália, no campo provisório, quando, de repente, soubemos que no dia seguinte viríamos para cá; estávamos comendo a massa (tão gostosa, amarela, no ponto) e paramos, burros, insensatos: se soubéssemos! Se isso acontecesse outra vez... Absurdo: se neste mundo existe algo certo, que nunca mais isso acontecerá. (LEVI, 1988, p 107-8)

Pollak (1989) ao falar das memórias de grupos excluídos, fala de uma memória subterrânea, que fazem parte da cultura de minorias dominadas, essas memórias vivem no silêncio e afloram em momentos de crise. Assim para o autor, a memória entra em disputa, “os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes” (p.2):

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nosso exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem de uma sociedade majoritária ou o que o Estado desejam passar ou impor. (POLLAK, 1989, p.6)

As memórias relatadas por Levi são um exemplo de memórias subterrâneas, pois, ninguém, a não ser Levi, sabe o que ele passou dentro do Campo de concentração. Em seu retorno, ele passa a conviver com uma sociedade que assistiu passivamente as deportações e que não acredita que os relatos sobre os Campos de concentração sejam verdadeiros. As memórias dos sobreviventes entram em disputa com a memória “oficial”, que busca se impor como “verdadeira”. A memória é uma tentativa de pertencimento, “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo [...]” (POLLAK, 1989, p.7). Assim, a memória coletiva dos judeus que sofreram nas mãos dos nazistas, vem a ser uma forma de identificação que os faz pertencer a um grupo, uma religião e que esta em constante disputa com aqueles que querem apagar essas memórias.

E mesmo que o tempo passe as lembranças do que viveu durante o poder nazista, não se apagarão da memória, pessoas, cheiros, barulhos, sons, tudo esta guardado na memória como um trauma:

As músicas são poucas, talvez uma dúzia, cada dia as mesmas, de manhã e à noite: marchas e canções populares caras a todo alemão. Elas estão gravadas em nossas mentes: serão a última coisa do Campo a ser esquecida: são a voz do Campo, a expressão sensorial de sua geométrica loucura, da determinação dos outros em nos aniquilar, primeiro, como seres humanos, para depois matar-nos lentamente. (LEVI, 1988, p.70)

As músicas faziam parte do dia-a-dia dos prisioneiros, que em liberdade ao escutarem as músicas sempre lembrarão do Campo, mesmo não querendo, pois elas estão gravadas na memória como um trauma. O trauma seria aquilo que a pessoa testemunhou ou vivenciou, eventos que envolveram morte, ferimentos graves ou ameaça a integridade física, o evento traumático é revivenciado por meio de imagens, pensamentos, percepções, sonhos ou recordações angustiantes (QUEVEDO et al, 2003, p.25). As músicas, as pessoas, os cheiros, as imagens, os sonhos, tudo isso estava presente na vida pós-Campo de Levi, assim, torna-se difícil continuar suas vidas sem as lembranças do trauma vivido.

Shmidt e Mahfoud (1993) analisando Halbwachs explicam que o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência, para ele a memória é sempre construída em grupo, mas também é sempre um trabalho do sujeito. Para o sujeito nem sempre o grupo esta sempre presente fisicamente, mas pela possibilidade que esse indivíduo tem de retomar lembranças e experiências do grupo. Assim, de acordo com o Halbwachs, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo, que trabalha com reconhecimento e construção:

É reconhecimento, na medida em que porta o “sentimento do já visto”. É reconstrução, principalmente em dois sentidos: por um lado porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 289)

A memória segundo os autores seria o trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os “quadros sociais” nos quais as lembranças podem permanecer e articular-se entre si. Mas a memória não apoia-se apenas nas lembranças individuais, mas também nas dos outros indivíduos também, no futuro ao retomar lembranças do passado, se evoca lembranças vividas em conjunto com os outros, o trabalho da memória é também “a presentificação daquele conjunto de testemunhos no contexto de um diálogo mais amplo e atual” (p.290):

Era preciso, porém, sairmos do encantamento, ouvirmos a música de fora, assim como a ouvíamos no Ka-Be e como agora, escrevendo, a recrio em minha lembrança, depois da libertação, do renascimento (já sem lhe obedecer, sem lhe ceder), para percebermos o que ela era; para compreendermos por qual deliberado motivo os alemães criaram esse ritual monstruoso, e por que, ainda hoje, quando a memória nos restitui alguma dessas inocentes canções, o sangue gela em nossas veias e temos consciência de que regressar de Auschwitz não foi pequena sorte. (LEVI, 1988, p.71)

As músicas são parte do Campo e parte da memória de Levi e de seus companheiros, uma memória coletiva de todos, que ao ouvirem as canções novamente, lembrarão de momentos vividos dentro do Campo.

Para Souza (2007) o passado transforma o presente e vice-versa, os sentimentos e acontecimentos atuais são justificados por circunstâncias do passado que constroem e modificam as lembranças “a partir da reelaboração do entendimento de fatos acontecidos anteriormente pela consciência de hoje” (p.2). Assim a autora nos explica que voltar ao arquivo da memória é também confundi-la e reconstruí-la pelos resíduos deixados no presente e que o esquecimento seria uma peça pregada pela lembrança. Superar um acontecimento traumático para os indivíduos que cultuam o passado, não é esquecê-lo, mas sim conviver com ele. De certa forma, vemos que não se pode cortar o passado, ele nos acompanha para onde formos.

Assim, ao longo deste capítulo foi possível perceber as conseqüências que a tentativa de desumanizar e aniquilar as identidades de Levi trouxeram para sua vida em liberdade e para suas memórias. Apagar a experiência traumática não é possível, mas conviver com ela é, e Levi para suportar essas lembranças escreveu livros que o fizeram sentir-se livre, que o ensinaram a conviver e a tirar algo da experiência de “viver” dentro do Campo de concentração.

## CONSIDERAÇÕES

Como vimos ao longo deste trabalho, foi calculado um longo caminho até a “solução final”. Adolf Hitler deixava claro seu repúdio a judeus e para excluir/exterminar esse grupo da Europa criou soluções como a Eutanásia, o projeto Madagáscar e os Campos de concentração. Este governo que para Hannah Arendt (1989) se caracterizava por seu governo totalitário, utilizou o Estado para concretizar suas vontades, conquistou adeptos, investiu na propaganda contra os judeus e implementou as Leis de Nuremberg, leis que excluía e humilhavam judeus.

A exclusão dos judeus da vida em sociedade e a criação dos Campos de concentração e extermínio como “solução final”, foi o ápice de um governo que se baseava numa concepção racista e que visava uma sociedade composta apenas por indivíduos de raça pura, a raça ariana. Apesar das tentativas de exterminar os judeus da Europa e do mundo, com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, a União Soviética invadiu e libertou os prisioneiros que ainda restavam nos Campos de concentração e extermínio. Algumas vítimas permaneceram caladas após a libertação, mas outras contaram para o mundo em forma de filmes, contos, livros, sua experiência dentro dos Campos nazistas. Primo Levi é um desses indivíduos que relatou os acontecimentos do Campo na obra *É Isto um homem?*, que foi abordada no decorrer deste trabalho.

Primo Levi relata como foi viver em Buna-Monowitz durante onze meses e o tratamento dado pelos nazistas e por seus companheiros. O discurso, as atitudes, tudo no campo fazia parte de um processo que visava desumanizar os indivíduos, objetivando fazê-los sentirem-se como bichos, coisas, mas não um ser humano. Assim, buscou-se esclarecer ao longo deste trabalho, que a desumanização não existiu, Levi e seus companheiros não deixaram de ser humanos apesar das condições de vida do Campo, talvez uma das únicas coisas que ainda lhes restavam após a libertação era sua humanidade.

O processo de fazer com que o oprimido sintasse-se tudo menos um ser humano, gera uma crise de Identidade, pois o indivíduo não possui mais nada, lhe retiram suas roupas, seus pertences, sua família, seu nome e o direito a liberdade de escolha. Levi esteve no Campo de concentração por ser judeu, Hitler em seu livro *Mein Kampf* (1924) deixa claro sua aversão a judeus e sua vontade de exterminar esse grupo, o que, de certa forma, pode ser percebido como a negação da existência de uma identidade. Os Campos de concentração tinham objetivo de aniquilar identidades e memórias, forçando os prisioneiros a uma luta diária para manter sua humanidade.

O Holocausto é uma anti-memória, a rotina cansativa de trabalho e fome faziam com que por alguns instantes Levi não conseguisse lembrar como era sua vida em liberdade, porque estava cansado demais para lembrar, ou porque doía pensar em sua vida antes do Campo. Após sua libertação as lembranças do que vivenciou em Buna-Monowitz, das pessoas que conheceu, eram frequentes em sua memória, ao olhar para seu braço esquerdo e ver o número 174.517 tatuado no braço, era impossível não lembrar momentos vividos no Campo. As lembranças tornam-se uma memória traumática que Levi teve de conviver até o fim dos seus dias.

Assim, este trabalho de modo algum será dado como conclusivo, certamente, muito se tem a explorar de *É Isto um homem?*, e das memórias de Primo Levi. Isto é apenas um início de uma pesquisa que deverá ser mais aprofundada, tanto na análise da obra como na sistematização de bibliografias para definir os conceitos de desumanização, identidade e memória. Esta obra torna-se fundamental para aqueles que pretendem pesquisar sobre o Holocausto e compreender a alma humana.

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. São Paulo: Ateena Editora, 1955.
- ARENDRT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. Copyright renovado 1979, by Mary McCarthy West Published: arrangement with Harcourt Brace Jovanovich, Inc.
- \_\_\_\_\_. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Memória da Barbárie: A História do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial**. Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- FAUSTO, Boris. **A interpretação do nazismo, na visão de Norbert Elias**. Ensaio Bibliográfico, MANA, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.
- HITLER, Adolf. **Minha Luta**. Landesberg sobre o Lech, Presídio Militar, 16 de outubro de 1924.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JUNIOR, Edson José Perosa. **A Ascensão nazista ao poder: O N.S.D.A.P. e sua máquina de propaganda (1919-1933)**. II Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina. 2009.
- LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, Rememoração e Lembrança em Maurice Halbwachs**. Revista Liguasagem. Universidade Federal de São Carlos, nº 18, 2012/1.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história – A problemática dos lugares**. Proj. História: São Paulo, 1993.
- PEREIRA, Débora Noemi Pereira. **Âncoras de memórias: Cultua material e valor simbólico na região sul-fronteira no século XXI**. Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Pampa, 2015.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992.

QUEVEDO, João et al. **Consolidação da memória e estresse pós-traumático**. Centro de biotecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2003.

REGO, Patrique. **Caminhos da Desumanização: Análises e Imbricamentos Conceituais na Tradição e na História Ocidental**. Universidade de Brasília – UnB. Departamento de Filosofia Mestrado em Filosofia, 2014.

SANTOS, Márcia Pereira dos. **O sensível acesso ao passado: a memória e o esquecimento**. ANPUH XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: Fortaleza, 2009.

SCHMIDT, Maria Luisa; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: Memória coletiva e experiência**. Psicologia USP, São Paulo, 1993.

SILVA, Kalina; SILVA, Maciel. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória: um Eichman de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**. Campinas, Sp:Papirus, 1988.